



Dossiê II Congresso Internacional Psicanálise e Filosofia: Psicanálise e os Labirintos da Alma

Entre a rejeição e a autorização do feminino

Between rejection and authorization of the feminine

 Jacquie Lejbowicz

Resumo: O feminino não é herança de nenhum gênero. Nem a rejeição do feminino. Freud diz que uma razão poderosa que impede a conclusão da análise freudiana, tanto para homens como para mulheres, embora de maneiras diferentes, é persistir na neurose ao persistir no rechazo do feminino, persistir na des-autorização/rejeição do feminino. Uma análise levada às últimas consequências significa ir além do rechazo do feminino, dando origem à autorização do ser falante e a um vínculo não segregativo.

Palavras-chave: feminino; des-autorização/rejeição do feminino; autorização do analista; fim da análise.

Abstract

The feminine is not inherited from any gender. Nor is the rejection of the feminine. Freud says that a powerful reason that prevents the conclusion of Freudian analysis, for both men and women, although in different ways, is to persist in neurosis by persisting in the rejection of the feminine, persisting in the dis authorization/rejection of the feminine. An analysis taken to its ultimate consequences means going beyond the rejection of the feminine, giving rise to the authorization of the speaking being and to a non-segregative bond.

Keywords: feminine; dis-authorization/rejection of the feminine; authorization of the analyst; end of analysis.

Este trabalho foi apresentado no *Congresso de Psicanálise e Filosofia*. “*Psicanálise dois labirintos da alma*”, na Universidade Positivo, em Curitiba, no dia 31 de agosto de 2024, precedido por estas palavras:

“Estou muito feliz por estar aqui e muito feliz e grata por uma contingência: o bom encontro que ocorreu entre meu livro *A rejeição do feminino. Do horror à coragem* e do querido e admirado João Ponciano, que após encontrar e ler meu livro numa linda livraria de Buenos Aires, a livraria ‘El Ateneo’, de Santa Fé e Callao, me deu a grande honra de me convidar para compartilhar um pouco da minha pesquisa”. Então, começo contando um pouco sobre o que trabalhei em minha pesquisa neste tema, como psicanalista, como mestre formado pela UNSAM e como professora e pesquisadora na Faculdade de Psicologia da UBA. *Da rechazo do feminino à autorização do ser falante na cura analítica*. Esse foi o tema da minha dissertação de mestrado, que mais tarde deu origem à publicação do livro: *El rechazo de lo femenino, del horror al coraje* (Lejbowicz, 2022), pela editora Grama, da Argentina.

Meu ponto de partida foi que o feminino não é herança de nenhum gênero. Nem a rejeição do feminino. Eu decidi partir da *rejeição do feminino* e não do *o feminino*. E por isso, partindo de textos como: “O tabu da virgindade” e “Análise terminável e interminável”; e não dos textos freudianos clássicos sobre a sexualidade feminina. “Rechazo do feminino/Autorização para ser falante”. Por que colocá-los em relação? Freud, em “Análise Terminável e Interminável” nos traz um conceito: *Die ablehnung des weiblichkeit* (Freud, 1937/1987, p. 3364).

Freud diz que uma razão poderosa que impede a conclusão da análise freudiana, tanto para homens como para mulheres, embora de maneiras diferentes, é persistir na neurose ao persistir no rechazo do feminino (*Die ablehnung des weiblichkeit*), persistir na des autorização/rejeição do feminino (*Die ablehnung des weiblichkeit*), e “Rejeição da feminilidade”, *Desautorización* o *Rechazo*, em español.

Fui então à “Proposta de 9 de outubro de 1967 sobre o Analista da Escola de Psicanálise” de J. Lacan, tentando elaborar o conceito de “segregação”, e encontrei o termo “Autorização”: “O psicanalista só está autorizado em si mesmo... e em alguns outros” (Lacan, 1967/2012, p. 261).

Portanto, tomei ambos os eixos: Autorização/Des-autorização. A desautorização, proposta por Freud, que eu articulei aos significantes: segregação, rechazo, rejeição.

Minha hipótese

Uma análise levada às últimas consequências significa ir além do rechaço do feminino, dando origem à autorização do ser falante e a um vínculo não segregativo. No capítulo “Racismo” de seu livro *Extimacy*, J. A. Miller afirma:

Se o problema parece insolúvel é porque o Outro é o Outro dentro de mim. A raiz do racismo é o ódio ao próprio gozo. Não há outro além disso. Se o Outro está dentro de mim numa posição de intimidade, é também o meu próprio ódio. (Miller, 1985/2010, p. 55)

A rejeição do feminino está na base do racismo, como rejeição do Outro, e do Outro de si mesmo; Poder, numa análise, ir além da lógica fálica que põe em jogo essa rejeição tornaria possível a autorização do ser falante. Portanto, ir além da rejeição do feminino ainda está ligado à concepção lacaniana de fim de análise, ao mesmo tempo em que inaugura a questão lacaniana sobre a possibilidade de algo novo nos vínculos.

Freud, no livro *O tabu da virgindade* (Freud, 1917/1973, p. 2445), diz que o valor da virgindade é por extensão do direito exclusivo de propriedade que constitui a monogamia, ao passado das mulheres. E propõe que existe um medo fundamental das mulheres. A mulher como tabu. As mulheres são temidas por: serem diferentes; incompreensíveis, enigmáticas, singulares. E acima de tudo: vistas como inimigos.

Então, a condição do feminino ligada a: o diferente, - “o diferente, o Outro para sempre em seu gozo”, como Lacan diz no “Prefácio ao Despertar da Primavera” (Lacan, 1974/2012, p. 589) -; o que não pode ser entendido em significantes (não pode ser significado em termos fálicos); o que causa o enigma (x); o que é singular, inédito, próprio e outro ao mesmo tempo: impossível encaixá-lo em grupo, pois escapa às classificações. Mas não é possível falar sem usar significantes, sem usar significado fálico. Também é assim para as mulheres. Então, como é possível produzir um dizer do feminino?

O significante *rechaço*, “Rejeição”, em Lacan, alude a: Rejeição dos atributos femininos na máscara fálica ao buscar identificar-se com o falo. Falta de um significante que permita nomeá-la como mulher. Lacan também nos ensina sobre “rechaço”, a rejeição forclusiva do Nome do Pai. E também usa o significante “Rejeição”, como Rejeição do inconsciente; e como a exclusão da castração, do simbólico e das coisas do amor pelo discurso capitalista. Poderíamos dizer que diferentes modos de rechaço são apresentados em diferentes momentos da análise.

Sintoma natural no início

Rejeição do inconsciente. Em “O saber do psicanalista” Lacan utiliza o termo *Verwerfung*, ou seja, “Rejeição”, para propor como aquilo que distingue o discurso capitalista, a rejeição fora dos campos do Simbólico: “A rejeição de quê? Da castração. Toda ordem, todo discurso que está enraizado no capitalismo, deixa de lado o que chamaremos simplesmente de coisas do amor” (Lacan, 1971-1972, p. 61).

Forclusão das coisas do amor e da castração, que dá o tom de como o capitalismo caminha na direção oposta à psicanálise. Os sintomas atuais, menos ligados a um significado e mais ligados a um puro gozo dos objetos que o capitalismo proporciona, estão mais na linha do que Naparstek (1996) chama de “sintoma natural”. São sintomas de gozo autoerótico, sintomas autossuficientes, por exemplo; vícios. Para que um sintoma desse estilo, tão sintonizado com o tempo, se torne um sintoma analisável, deve ser direcionado para o campo do Outro, é preciso acrescentar a transferência e a crença no sentido do sintoma.

Sintoma em transferência, interpretável

Onde se desenrolam o fantasma e a identificação fálica. (O Inconsciente simbólico). Mas aquilo que fica fora do sentido, fora da lógica fálica, é aí ainda rejeitado: Rejeição do feminino.

Além da rejeição

Autorização do feminino e Autorização do ser falante. (O Inconsciente real). J. Lacan, em suas fórmulas de sexualização, apresenta a mulher como não-tudo; enquanto a função fálica, isto é, a função significante, não pode ser nomeada. Ir além do pai e da lógica do falo-castração nos permitiria sair de uma posição de rejeição ao feminino.

A rejeição e a desautorização do feminino não estão ligadas a uma ordem do reprimido e do seu retorno, e, portanto, não são da ordem do interpretável. O consentimento para o feminino põe em jogo outra lógica que não a da repressão e da interpretação: a do uso das próprias letras, possibilitando um saber fazer com o que não existe.

No *Seminário Donc*, Miller (1994/2011, p. 466) lê o “*Ablehnung des Weiblichkeit*” não apenas como uma negação da feminilidade, mas como um “não querer ser mulher”. Embora as contingências anatômicas impliquem consequências, fica claro que o feminino não é exclusivo de nenhum gênero. Miller afirma que na primeira transcrição da problemática freudiana, Lacan traduz a rejeição da feminilidade através da identificação fálica. Então poderemos opor-nos à feminilidade e à

identificação. Isto será então o que uma análise deve “tocar”. Note-se então que estamos pensando na rejeição do feminino como algo que não se limita a um fato biológico ou anatômico.

Numa análise, arriscar-se a passar pelo feminino é necessariamente colocado em jogo para produzir um efeito sobre aquilo que ressoa sem acabar significando nada, num além do sentido. Esvaziá-lo de um sentido que fixava e comandava a neurose de um sujeito. Lacan dá um passo fundamental, além do limite indicado por Freud nas análises, ao colocar a rejeição do feminino como fantasmático. Uma psicanálise levada às últimas consequências poderia então inaugurar um laço social que abriga o feminino, permitindo a produção de saberes com o que não existe.

Nas referências de Lacan à “Análise Terminável e Interminável” de Freud, encontramos que no *Seminário 5*, Lacan diz: “Análise finita e infinita; em vez de análise terminável e interminável. É por isso que Miller coloca a questão da interpretação finita ou infinita” (Miller, 1994/2011, p. 466). No *Seminário 10* Lacan diz: “deixe... um no campo do complexo de castração, o outro com a Penisneida. Mas isso não é um limite de forma alguma. É o limite onde a análise finita pára com Freud [...], indefinida, ilimitada e não infinita” (Lacan, 1963/2005, pp. 106-107).

Ou seja, Lacan coloca o limite das análises freudianas, o que as deixa “indefinidas”. Passo nodal para conceituar o fim da análise e a possibilidade de ir além da rejeição, do rechazo do feminino:

Se este limite é instituído, é na medida em que algo foi, não diria não analisado, mas revelado de forma apenas parcial e posso colocar a questão de saber como é analisável. E esclarece que focar uma análise na inveja do pênis é focar em um fantasma. (Lacan, 1963/2005, pp.106-107)

Um fantasma e, portanto, fálico. Em “O Ser e o Um”, Miller retoma a abordagem freudiana da “análise terminável e interminável”: a rejeição da feminilidade como o que faz fracassar a conclusão definitiva da análise. Lá ele traduz outro termo também usado por Freud, *das Strauben gegen seine passiva oder Feminine Einstellung*; o que significa: que resistem à sua atitude passiva ou feminina. Miller (2011, s./p.) afirma: “Nos homens é o medo de ser passivado por outro homem; enquanto nas mulheres é a aspiração fálica que a cura não irá satisfazer”.

Então, a rejeição do feminino opera em ambos e essa é a perspectiva freudiana do que impede a cura. Em relação aos homens, deparamo-nos mais uma vez com o medo de feminilizar-nos de que Freud nos falou em “O Tabu da Virgindade”, dada a identificação passivo-feminina que postulou. Miller ressalta que a ideia de Lacan é que isso pode ser resolvido na cena do fantasma, justamente porque na aspiração à masculinidade o que está envolvido é a elevação fantasmática do falo.

Agora voltemos a Lacan: Proposição-Autorização. Se o psicanalista se autoriza apenas a si mesmo, essa autorização é possível a partir da travessia do fantasma. Assim: A doutrina da passagem e do fim da análise é a resposta e a proposta de Lacan ao que para Freud era um obstáculo e um limite para completar e definir uma análise; a rejeição do feminino. No ano de 1973, Lacan diz mais uma coisa que é fundamental: “É do Não-tudo que surge o analista” (Lacan, 1973/2012, pp. 327-328). Portanto, a autorização do analista é a autorização no Não-tudo, ou seja, finalmente, no chamado lado feminino das fórmulas de sexuação.

Miller reafirma em “O Ser e o Um” que a posição analítica é a posição feminina. Por quê? Porque ser analista envolve transcender o fantasma. E o fantasma é fálico. Há afinidade então entre a posição feminina, que consente com o feminino e vai além da lógica fálica, e a posição analítica. Assim, a autorização do analista implica a autorização do próprio feminino. E da mesma forma, a autorização do ser sexual: “Ser sexual só é autorizado por si só. E – eu diria – por alguns outros” (Lacan, 1974, s./p.).

Autorizar-se implica então autorizar o feminino em si, para além do gênero e da lógica fálica. Além da rejeição, além da desautorização ou repúdio do feminino que afeta todo ser falante. E é isso que poderia levar a um vínculo não segregativo. A lógica fálica falha em produzir um significado definitivo ao abordar o feminino. Além disso, a lógica fálica constitui um obstáculo para pensar as duas questões: o fim da análise e o feminino. Precisamente porque o feminino impõe um limite ao significado fálico. Um problema que pode ser uma solução, se conseguirmos ir além da lógica fálica. Ir, numa análise, além da lógica fálica e, assim, autorizar o feminino, é o que poderia ser produzido de forma inédita no laço social.

Referências

- Freud, S. (1917). El tabú de la virginidad. *Obras completas* (t. III). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973.
- Freud, S. (1937). Análisis terminable e interminable. 8va parte. In S. Freud. *Obras completas* (t. XXIII). Buenos Aires: Amorrortu, 1987.
- Lacan, J. (1967). Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la Escuela. In J. Lacan. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
- Lacan, J. (1971-1972). *El saber del psicoanalista, Charlas en Sainte Anne*. Inédito.
- Lacan, J. (1973). Nota Italiana. In J. Lacan. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.

- Lacan, J. (1974). Prefacio a “El despertar de la primavera”. In J. Lacan. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
- Lacan, J. (1974). *Seminario 21, Les non dupes errent, Clase del 9 de abril de 1974*. Inédito.
- Lejbowicz, J. (2022). *El rechazo de lo femenino, del horror al coraje*. Buenos Aires: Grama Ediciones.
- Miller, J.-A. (1985). *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós, 2010.
- Miller, J.-A. (1994). *Donc: La lógica de la cura*. Buenos Aires: Paidós, 2011.
- Miller, J.-A. (2011). *El ser y el Uno*. Inédito
- Naparstek, F. (1996). *El síntoma al natural (o la naturaleza del síntoma)*. *El Caldero de la Escuela*, 45, 5-7.